O ESTILO TELEGRÁFICO NA LINGUAGEM ESCRITA DE ADOLESCENTES COM SÍNDROME DE DOWN: CONTRIBUIÇÕES DA NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA PARA O PROCESSO DE INTERVENÇÃO

Maristela Amaral Ribeiro
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/PPGLIN), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4372-815X
Endereço eletrônico: stelamarisemec@gmail.com

Carla Salati Almeida Ghirello-Pires
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/PPGLIN), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7950-6001
Endereço eletrônico: carlaghipires@hotmail.com

Jhenifer Vieira da Silva Costa
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/PPGLIN), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1148-6029
Endereço eletrônico: jhenifer263@hotmail.com

Palavras-chave: síndrome de Down; linguagem escrita; estilo telegráfico; neurolinguística discursiva; mediação.

INTRODUÇÃO

A linguagem constitui uma das principais formas de mediação entre o sujeito e o mundo, possibilitando a organização do pensamento, a construção de significados e a participação social. Seu desenvolvimento envolve diferentes dimensões, como fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, que se articulam de forma dinâmica ao longo do processo de aquisição linguística.

Entre os grupos que apresentam especificidades nesse desenvolvimento estão as pessoas com Síndrome de Down (SD), condição genética causada pela trissomia do cromossomo 21. Embora o desenvolvimento da linguagem siga etapas semelhantes às observadas em sujeitos típicos, estudos apontam que indivíduos com SD costumam apresentar maior lentidão na aquisição e consolidação de habilidades linguísticas, especialmente

nos aspectos morfossintáticos (Miller, 1987; Rondal, 2002; Schwartzman, 1999).

Dentre as características frequentemente observadas destaca-se o chamado “estilo telegráfico”, descrito por Jakobson (1970) como uma forma de produção linguística marcada pela omissão de elementos gramaticais, como artigos, preposições e conjunções, resultando em enunciados reduzidos e com estrutura sintática simplificada. Embora esse fenômeno seja comum em crianças durante a aquisição inicial da linguagem, sua permanência em sujeitos com SD suscita questionamentos acerca dos processos de desenvolvimento linguístico e das possibilidades de intervenção.

Nessa perspectiva, este estudo teve como objetivo analisar a ocorrência do estilo telegráfico em produções orais e escritas de dois adolescentes com Síndrome de Down, identificando os elementos linguísticos ausentes e investigando os efeitos de intervenções mediadas na ampliação do uso de conectivos e demais elementos de classe fechada. A relevância da pesquisa está na necessidade de compreender o funcionamento linguístico desses sujeitos para além de uma perspectiva patologizante, valorizando seus processos de construção da linguagem e as potencialidades decorrentes da mediação social.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, longitudinal e de abordagem discursiva, fundamentada nos pressupostos da Neurolinguística Discursiva (Coudry, 1986, 1996) e da Teoria Histórico-Cultural (Vigotski, 1997). O estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 29933114.7.0000.0055), atendendo às exigências da Resolução nº 466/2012.

Participaram da investigação dois adolescentes com Síndrome de Down, identificados pelos pseudônimos JR (20 anos) e RL (15 anos). Ambos foram acompanhados semanalmente no Laboratório de Pesquisa e Estudos Neurolinguísticos (LAPEN), em sessões com duração aproximada de 60 minutos.

Para a produção dos dados foram utilizadas histórias, músicas, fábulas, textos adaptados e atividades estruturadas de organização sintática. As intervenções envolveram o uso de frases fragmentadas em palavras individuais, organizadas em cartões plastificados, que deveriam ser reorganizados pelos participantes para formar sentenças com sentido completo.

A análise concentrou-se na identificação da presença ou ausência de elementos de classe fechada, especialmente artigos e preposições, bem como nas estratégias utilizadas pelos

participantes para organizar as sentenças. As interações foram videogravadas e analisadas sob a perspectiva da Neurolinguística Discursiva, que considera a linguagem como prática social e enfatiza o papel da interlocução na construção dos processos linguístico-cognitivos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados evidenciaram que os participantes apresentavam dificuldades significativas na organização sintática de enunciados, especialmente no uso de conectivos, artigos e preposições. Inicialmente, as produções revelavam estruturas reduzidas, com predominância de substantivos e verbos, característica compatível com o chamado estilo telegráfico.

Nas primeiras atividades observou-se que JR e RL frequentemente organizavam as palavras de forma que comprometia a estrutura sintática convencional da língua portuguesa. Entretanto, mesmo diante dessas dificuldades, suas produções demonstravam tentativas de atribuição de sentido, indicando que não se tratava de construções aleatórias, mas de processos intermediários de elaboração linguística.

Os resultados corroboram as reflexões de Abaurre e Coudry (2008), que compreendem o estilo telegráfico como uma etapa de construção de sentido e não como simples evidência de patologia. Sob essa perspectiva, as omissões observadas não representam necessariamente déficits permanentes, mas manifestações de um processo em desenvolvimento.

As intervenções realizadas ao longo do acompanhamento mostraram-se relevantes para a ampliação do repertório linguístico dos participantes. Com o uso sistemático de

mediações, pistas verbais e reorganização de frases, ambos passaram a utilizar com maior frequência elementos anteriormente omitidos, especialmente artigos e preposições.

Os avanços observados também podem ser compreendidos à luz da Teoria Histórico-Cultural. Conforme Vigotski (1997), o desenvolvimento ocorre por meio da mediação social, sendo a aprendizagem impulsionada pela interação com sujeitos mais experientes. Nesse sentido, as atividades propostas permitiram que os participantes refletissem sobre a estrutura da língua e ampliassem gradativamente suas possibilidades de produção oral e escrita.

Outro aspecto relevante refere-se à relação entre seleção e combinação linguística proposta por Jakobson (1970). Os dados sugerem que os participantes apresentavam maior dificuldade no eixo sintagmático, responsável pela combinação dos elementos da língua em estruturas mais complexas. Contudo, os resultados demonstraram que a intervenção sistemática favoreceu progressivamente a organização desses elementos, contribuindo para

construções mais completas e inteligíveis.

Assim, os achados reforçam a importância de práticas pedagógicas e terapêuticas que valorizem a interação, a mediação e o uso funcional da linguagem, reconhecendo as potencialidades dos sujeitos com Síndrome de Down e suas possibilidades de desenvolvimento.

CONCLUSÕES

Os resultados permitem concluir que os participantes se encontravam em processo contínuo de construção da linguagem escrita, apresentando trajetórias compatíveis com processos observados durante a aquisição da linguagem, embora em ritmo distinto daquele descrito para sujeitos típicos.

A pesquisa evidenciou que o estilo telegráfico não deve ser compreendido exclusivamente como um indicador de déficit, mas como parte de um processo de elaboração linguística que pode evoluir mediante intervenções adequadas. As atividades desenvolvidas favoreceram avanços significativos na utilização de elementos gramaticais anteriormente ausentes, especialmente artigos e preposições, contribuindo para a ampliação da competência comunicativa dos participantes.

Constatou-se, ainda, a importância da mediação na promoção do desenvolvimento linguístico, confirmando os pressupostos da Teoria Histórico-Cultural e da Neurolinguística Discursiva. Os dados reforçam a necessidade de práticas educacionais e clínicas que considerem as potencialidades dos sujeitos com Síndrome de Down, priorizando estratégias que promovam a participação ativa e a construção de sentidos.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B.; COUDRY, M. I. H. Em torno de sujeitos e olhares. **Estudos da Linguagem,** Vitória da Conquista, v. 6, n. 2, p. 171-191, 2008.

COUDRY, M. I. H. A ação reguladora da interlocução e de operações epilinguísticas sobre objetos linguísticos. **Cadernos de Estudos Linguísticos,** Campinas, n. 15, p. 117-135, 1986.

COUDRY, M. I. H. O que é dado em Neurolinguística? *In:* CASTRO, M. F. C. P. (org.). **O método e o dado no estudo da linguagem.** Campinas: Unicamp, 1996. p. 179-194.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação.** São Paulo: Cultrix, 2010.

MILLER, J. F. Language and communication characteristics of children with Down syndrome. *In:* PUESCHEL, S. M. **New perspectives on Down syndrome.** London: Baltimore, 1987.

RONDAL, J. A. Síndrome de Down. *In:* BISHOP, D.; MOGFORD, K. **Desenvolvimento da linguagem em circunstâncias excepcionais.** Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

SCHWARTZMAN, J. S. **Síndrome de Down.** São Paulo: Memnon, 1999.

VIGOTSKI, L. S. **Fundamentos de defectologia**. Madrid: Visor, 1997.